

# OS JOVENS NO ESPAÇO ESCOLAR: JOGOS DISCURSIVOS E DESENVOLVIMENTO CULTURAL

Juliana Soares de Oliveira<sup>1</sup>

Ana Lúcia Horta Nogueira<sup>2</sup>

**Resumo:** Estudando jovens estudantes do ensino fundamental II, do 9º ano, de escola municipal de Campinas-SP temos o objetivo de discutir desenvolvimento cultural na adolescência, por meio de Vigotski e Bakhtin. Percebemos que na escola as/os jovens constroem jogos discursivos predicativos, que expressam uma consciência social, marcando o desenvolvimento do pensamento e linguagem.

Convidamos o leitor a discutir conosco o fluxo de sentidos elaborados por jovens em uma situação de conflito durante uma aula em uma escola, com o pedido para que os leitores relativizem suas posições sociais e atentem ao nosso objetivo: a análise das interações juvenis no interior da sala de aula, no tempo/espço criado pelos estudantes nas práticas escolares. Buscamos “a análise das interações discursivas no contexto escolar, considerando a dinâmica dos processos de significação partilhados pelas/os jovens” (OLIVEIRA, 2018, p. 13), partindo das elaborações teóricas e metodológicas de Vigotski (1996, 2010) que compreende o desenvolvimento na adolescência como um processo histórico e cultural de mudanças fundamentais nas funções psíquicas. O processo de desenvolvimento na adolescência, em termos de uma perspectiva Histórico-cultural do desenvolvimento, implica em processos multideterminados e interfuncionais de apropriação pelos indivíduos dos instrumentos semióticos do pensamento e da linguagem em níveis mais complexos.

Utilizamos também a teoria da enunciação de Bakhtin (2016, 2011) para compreender o processo de significação e de construção social dos enunciados no contexto cultural enunciado. Desse modo, nosso foco está no papel da escola, e, nela, a sala de aula como local privilegiado para observar como a palavra cresce no pensamento, de tal modo que as/os estudantes passam a aderir, rejeitar e hibridar diferentes vozes construindo posições sociais individuais e coletivas.

## Jogos discursivos e práticas culturais

Os dados da pesquisa recém concluída (Oliveira, 2018) foram construídos em uma escola municipal de Campinas-SP, com estudantes do ensino fundamental II, cursando o 9º ano. Para esse artigo, analisamos um trecho dos registros em caderno de campo, focalizando as práticas culturais e sentidos produzidos nos enunciados coletivos:

Começo de aula. Um grupo de meninas ao fundo da sala rimam e fazem trocadilhos com a palavra ‘pirulito’ enquanto batucam nas mesas da sala de aula e batem palmas ritmadas.

Um menino do outro lado da sala fala alto: — *Olha a gritaria!*

Uma das meninas responde: — *Ninguém está te chamando aqui!*

Elas se sentam e continuam a conversar alto, rindo muito.

A professora começa a aula usando um microfone com uma caixinha de som presa a cintura. Abre o livro didático e começa a explicar a atividade.

<sup>1</sup> Professora de Sociologia - Secretaria Estadual de Educação, Assis, São Paulo. E-mail: [julia.doliveira@yahoo.com.br](mailto:julia.doliveira@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Docente da Faculdade de Educação – UNICAMP. E-mail: [alhnog@unicamp.br](mailto:alhnog@unicamp.br).

Ao fundo da sala, um grupo de meninas continua rindo e conversando, a professora então pede que a estudante que está de costas para ela se sente de frente. A professora vai caminhando em direção às estudantes enquanto explica o conteúdo da atividade e gradativamente vai aumentando o som da caixa presa a sua cintura. Vai explicando e pedindo para as meninas diminuírem o tom da voz, até que diz: — *Só um momento, por favor*. As estudantes do fundo passam a rir da expressão e a imitar dizendo umas às outras: — *Só um momento, por favor, só um momento por favor...* A professora então toca no ombro da estudante e diz: — *Só um momento, por favor*. A estudante se vira para ela e diz: — *Só um momento* e vira de costas para a professora, suas amigas e amigos riem, a professora volta para a frente da sala. (Caderno de campo, 2017)

Na cena, nos deparamos com uma situação totalmente desconfortável, em que insistente uma professora busca de modo formalmente educado a atenção das estudantes para explicar uma atividade. Ela vai se aproximando de um grupo de estudantes que a estava atrapalhando, pedindo “só um minuto, por favor” que lhe permita explicar um exercício, porém, uma estudante, não só continua a rir alto e a brincar, mas também, quando a professora toca em seu ombro, ela tem a atitude totalmente inesperada de se chocar contra o pedido da professora. O ato da estudante, inicialmente faz emergir com força significados que estruturam os campos semânticos das relações sociais estabilizadas, hegemônicas, assim choca-nos, e tendemos a não ver outros signos ali, além dos ligados ao conflito desrespeitoso entre estudante e professora. Porém, se isolamos esses sentidos, de pronto, o enunciado aparece como um modo de dizer e propor que não se deixa interpretar para os não iniciados, ou, aqueles que não partilham dos sentidos veiculados pela linguagem nas práticas juvenis na escola.

Façamos o esforço de interpretação. Ao tomar a frase/pedido da professora e o (re)enunciar *só um momento, por favor*, é musicalizado, dramatizado com ares de comédia e o significado da sentença é totalmente alterado, seja no sentido dado pela professora – pedido de silêncio - ou quando referidas ao sentido dicionarizado – pedido de espera momentânea. Assim, inferimos que a sentença da professora é tomada e utilizada para deslocar os sentidos em direção a uma carnavalização, em termos bakhtinianos: a vida é encenação e o jogo teatral é vivido como vida real. Entendemos que a frase séria e duplamente legitimado da professora pela sua posição social e também pela forma socialmente respeitosa com que se dirige a estudante - é inserida no jogo que precedia a entrada da professora em cena. Retornando então ao início da cena, percebemos que as estudantes já tinham uma atitude de enfrentamento ante os meninos, ao rimarem e cantarolarem com a palavra pirulito – pirulito de lamber, chupar, morder – e entendendo que essa é uma referência óbvia ao órgão sexual masculino. Fazemos a interpretação de que essa prática pode veicular o sentido de: um modo de chamar a atenção do gênero masculino, e/ ou um modo de discutir coletivamente e se apropriar das sexualidades; e como esses temas costumam culturalmente serem restringidos ao campo do íntimo, a brincadeira ameniza a ousadia de inseri-lo publicamente, ao mesmo tempo que quando os meninos chamam a atenção das meninas *olha a gritaria*, elas respondem demonstrando que a temática da brincadeira não é um convite a participação deles, ainda que a brincadeira seja sexualizada ela é uma atividade coletiva feminina, naquele momento.

Assim sendo, o riso presente desde o início da cena, é um riso típico das práticas culturais populares, pois provoca, desloca, propõe, ele apresenta-se como resistência, como força centrífuga no gênero discursivo. A ambivalência do riso contribuir para o movimento de descentralização da própria produção do conhecimento, “pensando a construção do saber em constante incompletude, a fim de não se imobilizar diante de certezas tão estáveis quanto ilusórias.” (SCHIFFLER, 2017, p.82). Parece-nos que as estudantes impõem temas e novas

relações de poder como tema na escola. A brincadeira e o riso são modos de se posicionar, não necessariamente controlados por uma consciência exata de objetivos e propostas, mas uma consciência social de novos papéis e temas presentes no cotidiano escolar, esse jogo se torna um fazer e um lugar de desenvolvimento.

Assim, os enunciados musicalizados sobre sexualidade e o pedido legítimo da professora no uso de sua autoridade, soariam como um jogo discursivo que se propõe a romper com a rotina e com os significados estabilizados. Assim, assemelhar-se-ia ao carnaval na idade média, que não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida; não era simplesmente representado no palco, antes, ao contrário, vivido enquanto durava o carnaval. Portanto, os risos, a música que se canta e se recria na voz das estudantes não são uma fuga da realidade, mas sim, segundo Bakhtin (2013, p. 105) a própria vida que é representada e interpretada (sem cenário, sem palco, sem atores, sem espectadores, ou seja, sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral); trata-se de uma outra forma de convite de reflexão feita ao coletivo, que nos soa às avessas, já que dispara a queima roupa contra signos culturais estabilizados (a figura da professora, a autoridade, o respeito) e lhes insere no campo do debate, no cotidiano. Numa outra forma viva de movimentação dos sentidos, do movimento coletivo para a interpretação e ação sobre o cotidiano e sobre si mesmos, esse é um movimento criador e de enfrentamento da realidade, a carnavalização e a brincadeira possibilitam a hibridização dos sentidos que concorrem com os gêneros discursivos estáveis e, portanto, disputam os processos e instrumentos semióticos de desenvolvimento cultural.

Tais práticas, recorrentes no cenário escolar rompe com o tempo/rotina monológicas da escola, que deixa seu aspecto cíclico (cinco aulas diárias separadas por intervalos e conteúdos com troca de professores) e é visto como histórico, como temporalidade mediada por desejos e vontades.

### **Considerações finais**

A cena analisada, nos permite discutir, por um lado que há mais do que desrespeito e desinteresse pela escola nos risos e brincadeiras cotidianas dos estudantes. A cena nos permite olhar tais práticas como modos de conhecer, discutir e refletir, a que chamamos de jogos discursivos. São modos de conversar em grupo, temas que causam riso, discussões coletivas, modos de interromper e ao mesmo tempo propor outros objetivos escolares, essas práticas deslocam os lugares de poder tradicionais da escola, por meio de uma carnavalização que nos parece ser parte da linguagem juvenil que busca significar e elaborar sentidos para as formas de consciência social e práticas estabilizadas. Ao jogar com tais práticas as reconhecem em sua força de atração e repressão. Elas estabelecem lugares sociais, marcam críticas sociais, em jogos de poder e de distribuição desse poder, o poder aqui é o de dizer. Observamos que a temática da sexualidade ocupa um lugar central nas discussões cotidianas das/os estudantes, e nela, encontram-se como seres sociais singulares, porém respaldadas/os na aproximação e distanciamento com outros (do cotidiano próximo) e Outros (que compõem um horizonte de visão com diferentes intersubjetividades e papéis sociais. Tais jogos podem ser unilaterais e soarem como enfrentamento, mas também, inferimos que podem ser modos de se aproximar, de conhecer os estudantes e também de os professores introduzirem temáticas e discussões e tornarem a brincadeira um veículo para a aprendizagem.

### **Referências**

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Editora Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os Gêneros de Discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. Editora 34. 2016.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 8. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. A pausa que refresca... Tempo e espaço na propaganda da coca-cola. *Alfa* (ILCSE/Unesp), Araraquara, v. 48 (1), p. 83-98, 2004.

OLIVEIRA, J. S. *Os discursos das/os jovens na escola: dialogia e desenvolvimento cultural*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Editora Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKI, L. S. *Psicologia Infantil* – Obras Escogidas. v. IV. Madri: Visor, 1996.